

## A ESCOLA ÚNICA DO TRABALHO E A EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL DE MOISEY M. PISTRAK: REFLEXÕES SOBRE O LEGADO DA PEDAGOGIA SOCIALISTA SOVIÉTICA<sup>1</sup>

Marilei Leal da Cruz<sup>2</sup>  
Franciele Soares dos Santos<sup>3</sup>

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o legado da Pedagogia Socialista Soviética, principalmente no que se refere à compreensão da necessidade da relação entre trabalho e educação na formação humana. As reflexões pautam-se no estudo dos princípios e dos fundamentos da Escola Única do Trabalho, bem como da experiência educacional desenvolvida por Moisey M. Pistrak. Como resultado, destacamos que há legados importantes deixados pela Pedagogia Socialista Soviética, pois apresenta caminhos para repensarmos a relação trabalho, educação e ensino na atualidade.

**Palavras-chave:** Trabalho e educação; Pedagogia Socialista Soviética; Escola Única do Trabalho; Moisey M. Pistrak.

### LA ESCUELA LABORAL ÚNICA Y LA EXPERIENCIA EDUCATIVA DE MOISEY M. PISTRAK: REFLEXIONES SOBRE EL LEGADO DE LA PEDAGOGÍA SOCIALISTA SOVIÉTICA

### Resumen

Este artículo trata del legado de la Pedagogía Socialista Soviética, especialmente en lo que respecta a la comprensión de la necesidad de la relación entre el trabajo y la educación en la formación humana. Las reflexiones se basan en el estudio de los principios y los fundamentos de la Escuela Única de Trabajo, así como en la experiencia educativa desarrollada por Moisey M. Pistrak. Los resultados demuestran que hay importantes legados dejados por la Pedagogía Socialista Soviética, porque presenta en el camino de repensar la relación entre el trabajo, la educación y la enseñanza hoy.

**Palabras clave:** Trabajo y educación; Pedagogía Socialista Soviética; Escuela Única del Trabajo; Moisey M. Pistrak.

### THE SINGLE LABOR SCHOOL AND MOISEY M. PISTRAK'S EDUCATIONAL EXPERIENCE: REFLECTIONS ON THE LEGACY OF SOVIET SOCIALIST PEDAGOGY

### Abstract

This paper deals with the legacy of Soviet Socialist Pedagogy, especially in relation to the understanding of the need for the relationship between labor and education in human formation. The reflections are based on the study of the principles and the foundations of the Single School of Labor, as well as the educational experience developed by Moisey M. Pistrak. The results show that there are important legacies left by Soviet Socialist Pedagogy, as it presents ways to rethink the relationship between labor, education, and teaching today.

**Keywords:** Labor and Education; Soviet Socialist Pedagogy; Single School of Labor; Moisey M. Pistrak.

<sup>1</sup> Recebido em 27/07/2022. Primeira avaliação: 12/08/2022. Segunda avaliação: 17/08/2022. Aprovado em 17/09/2022. Publicado em 11/10/2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v20i4.55379>.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professora de Educação Infantil efetiva no município de Marmeleiro-PR. E-mail: [marileileal2015@outlook.com](mailto:marileileal2015@outlook.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8498079368133214>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0045-2990>.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas-UFPel. Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: [sfrancielesoares@gmail.com](mailto:sfrancielesoares@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8310447915314417>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5115-0127>.

## Introdução

Buscar compreender o legado que a Revolução Russa nos deixou, por meio de um arcabouço teórico e prático de experiências educativas que culminaram na construção da Pedagogia Socialista Soviética, é um grande desafio, especialmente no contexto atual. De acordo com Bahniuk e Dalmagro (2021), o período pós-revolucionário foi marcado pela existência simultânea entre as velhas e as novas políticas e relações sociais. A Revolução estava permeada de contradições, pois a Rússia e as demais nações que formavam a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) buscavam, em meio ao restante do mundo capitalista, a construção do socialismo. Além disso, o país vivia uma situação de desordem econômica, política e social, fome, pobreza, atraso industrial, analfabetismo, entre outras limitações, herdadas do imperialismo czarista. Portanto, para construir uma nova sociedade, os revolucionários enfrentaram muitos desafios, o que exigiu persistência, criatividade e muito trabalho. Esses dedicaram atenção especial às crianças e aos jovens, investindo no desenvolvimento da Pedagogia Socialista Soviética, a qual procurou a articulação entre o trabalho, a educação e o ensino, possibilitando a participação de todos na vida social e política.

A educação, desse modo, teve uma função fundamental, estando à serviço da construção do socialismo. O Comissariado do Povo para a Educação (Narkompros) desenvolveu um árduo trabalho no enfrentamento do analfabetismo, na organização das escolas, na formação dos professores, na organização dos coletivos infantis e da juventude, bem como na articulação do ensino com o trabalho produtivo socialmente útil, por meio da construção da Escola Única do Trabalho. Considerando a educação como prioridade, os revolucionários iniciaram uma campanha nacional para a alfabetização, visto que o alto índice de analfabetos no país impedia o acesso ao conhecimento, à cultura e à ciência. Com isso, foi realizado um grande investimento na educação, nunca feito, além do desenvolvimento de uma pedagogia fundamentada no materialismo histórico-dialético.

Diante disso, dois são os objetivos centrais neste texto: (i) refletir sobre o legado da Pedagogia Socialista Soviética, principalmente no que se refere à compreensão da necessidade da relação trabalho e educação na formação humana,

a partir do estudo dos princípios e fundamentos da Escola Única do Trabalho, e sobre a proposta educativa e experiência educacional de Moisey Mikhaylovich Pistrak (1888-1937); (ii) e situar, mesmo que brevemente, a relevância do legado da Pedagogia Socialista Soviética, reafirmando a sua importância para o avanço da pedagogia marxista e para o enfretamento da Pedagogia do Capital na atualidade.

Para tanto, realizamos o estudo de alguns dos documentos históricos escritos pelo Comissariado do Povo para a Educação (Narkompros), presidido até 1929 por Anatoli Vassilievitch Lunatcharsky (1875-1933). Esses documentos estão anexados ao livro *A Construção da Pedagogia Socialista* (2017), de autoria de Nadezhda Konstantinovna Krupskaya (1869-1939). Além disso, revisitamos as principais obras escritas por Moisey Pistrak, a saber: *Fundamentos da Escola do Trabalho* (2003a, 2018b) e *A Escola-Comuna* (2009).

A fim de apresentarmos o resultado dessa investigação, na primeira parte do texto, abordamos aspectos relacionados aos princípios e aos fundamentos que foram determinantes para o processo de organização da proposta da Escola Única do Trabalho. Na segunda parte, explicitamos a experiência coordenada e desenvolvida por Moisey M. Pistrak na Escola-Comuna Lepeshinsky, assinalando a importância das categorias pedagógicas que reforçam a relação trabalho e educação como elemento fundamental que liga a prática educativa à vida, e que, portanto, deveriam ser constituintes da nova forma escolar. Nas considerações finais, reforçamos a necessidade de a pedagogia socialista soviética ser conhecida, apropriada e potencializada na atualidade, bem como ressaltamos a sua importância para o avanço da pedagogia marxista e para o enfretamento da Pedagogia do Capital na atualidade.

## **Princípios e fundamentos da Escola Única do Trabalho**

Freitas (2012) esclarece que a terminologia *Escola Única do Trabalho* estava vinculada à ideia de uma escola comprometida com a construção de uma nova sociedade, sendo um instrumento a favor da conscientização e da emancipação da classe trabalhadora. Os termos *única* e *trabalho* indicavam, respectivamente, a sua não dualidade, ou seja, há uma forma de organização escolar e curricular comum a

todos, e a compreensão do trabalho como princípio educativo, com ênfase na formação politécnica.

Antes mesmo da Revolução, os pedagogos socialistas já pensavam sobre a construção de uma nova escola. Esse movimento se tornou ainda mais forte com a tomada de poder pela classe trabalhadora, em outubro de 1917. No centro das discussões sobre a criação e a organização da nova escola, a educadora socialista Krupskaya reforçava a necessidade da transformação da escola do ensino em escola do trabalho de caráter politécnico. Ao refletir sobre o processo de construção da escola socialista, Krupskaya denunciava que a escola pública destinada aos trabalhadores até então estava pautada na ciência livresca, isolada da vida e pregava o culto ao Estado burguês: “[...] em poucas palavras, a tarefa da escola pública é manter os estudantes com a moral burguesa, diminuir sua consciência de classe, fazer deles um rebanho obediente, fácil de controlar” (KRUPSKAYA, 2017, p. 68). De acordo com a pedagoga socialista, a escola do trabalho somente prosperaria diante de uma democracia operária, caso contrário, permaneceria contra os interesses da classe trabalhadora.

Os educadores socialistas compreenderam a necessidade da organização de uma escola que rompesse com a forma histórica escolar capitalista, pois as propostas da Pedagogia Socialista Soviética tinham como um de seus objetivos principais repensar o trabalho pedagógico e construir uma antítese à forma escolar naquele contexto histórico, mesmo com limites e contradições, com vistas à sua transformação. Logo após a Revolução, foram criados vários órgãos educacionais que tratavam das questões relacionadas à educação: O Ministério da Educação Nacional; A Comissão Estatal para a Educação; O Comitê Executivo dos Sovietes; O Comitê Estatal para a Educação Nacional; e a Assembleia Constituinte (FREITAS, 2020). Os documentos históricos produzidos pelo Comissariado da Educação do Povo expressam a compreensão da importância da educação pelo trabalho na formação humana e para a construção da nova sociedade socialista, entre os quais citamos: a Proclamação do Comissário do Povo para a Educação (1917); a Deliberação do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia (1918); e a Declaração sobre os Princípios Fundamentais da Escola Única do Trabalho (1918).

Na Deliberação do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia (1918), documento que aborda o regulamento sobre a Escola Única do Trabalho da

República Socialista Federativa Soviética, o primeiro artigo esclarece que: “É atribuído o nome Escola Única do Trabalho a todas as escolas da República Socialista Federativa Soviética, que estejam na jurisdição do Comissariado do Povo para a Educação, com exceção das instituições de ensino superior.” (CVERDLOV et al., 2017). Nesse mesmo documento, a partir do artigo 12º, encontramos os princípios fundamentais da escola do trabalho e da relação entre trabalho e educação:

*Artigo 12º.* Na base da vida escolar deve estar o trabalho produtivo, não como meio de pagamento dos gastos de manutenção das crianças e não só como método de ensino, mas especialmente como trabalho produtivo socialmente necessário. Ele deve ser fortemente organizado em ligação com o ensino, lançando a luz do conhecimento a toda a vida circundante. Gradualmente sendo cada vez mais complexo, devendo ir além do entorno imediato da vida da criança, o trabalho produtivo deve familiarizar a criança com uma ampla variedade de formas de produção, até as mais complexas (CVERDLOV et al., 2017, p. 278-279).

No inciso 1, o artigo afirma que o trabalho assume um princípio educativo se for criativo, alegre, livre de violência física e psicológica contra a personalidade dos estudantes, bem planejado e organizado socialmente. No inciso 2, repudia a antiga forma repressiva de disciplinamento, pois, na nova escola, o trabalho tem o papel de educar e formar nas crianças uma disciplina saudável, com senso de responsabilidade e coletividade. Dessa forma, “[...] as crianças têm participação viva em todos os processos de trabalho da vida escolar, entre os quais as questões de organização que surgem da divisão do trabalho e que devem desempenhar um papel educativo muito importante” (CVERDLOV et al., 2017, p. 279).

Com isso, entendemos que o trabalho coletivo e a participação efetiva das crianças e dos jovens na organização de todo ambiente escolar eram as bases da formação daquela e das futuras gerações da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Podemos notar que, desde o início, o trabalho como princípio educativo era um elemento central na construção da Pedagogia Socialista Soviética.

Outro documento importante é a Declaração sobre os Princípios Fundamentais da Escola Única do Trabalho (1918), de autoria de Lunatcharsky, que apresenta as mudanças e as principais características das novas escolas soviéticas, ocasionadas pela reforma educacional após a revolução. O Comissário do Povo para a Educação, órgão responsável pela educação na reorganização estatal, ressalta que os resultados não seriam imediatos, pois a realidade naquele primeiro

momento era muito crítica. De acordo com Lunatcharsky (2017b), os obstáculos eram vários, a exemplo do número insuficiente de instituições de ensino, professores despreparados, dentre outras dificuldades herdadas da antiga escola. Os esforços eram grandes, e a relação do Comissariado com parte do magistério reacionário era conflituosa, o que tornava a complexa tarefa de reformar a escola ainda mais difícil, pois, para que isso acontecesse, era necessário o comprometimento de todos. O autor ainda comenta que, inicialmente, a reforma seria parcial, mas as mudanças continuariam acontecendo até se chegar a uma escola realmente popular. Para ele:

A reforma da escola, depois da Revolução de Outubro, tem obviamente o caráter de um ato de luta das massas pelo conhecimento, pela educação. O Comissariado da Educação deve, o mais rapidamente possível, destruir os privilégios de classe também neste campo, que talvez seja o mais importante. A questão não está em apenas torná-la acessível para todos na forma como ela é, pois que assim como ela foi feita pelo regime passado, ela não serve para as massas trabalhadoras. Trata-se de sua reconstrução radical no espírito de uma escola verdadeiramente popular (LUNATCHARSKY, 2017b, p. 286).

Do ponto de vista dos educadores socialistas, a nova escola, além de ser gratuita e acessível, deveria ser única e do trabalho. Contudo, destaca-se no documento que a escola não deve ser única em todos os níveis horizontalmente, mas precisava ser única verticalmente. Isso quer dizer que os estudantes tinham aptidões e disposições diferentes, mas que todos deveriam cursar disciplinas entendidas como unificadoras da formação e do ensino. A Escola Única do Trabalho não era encarada como um centro de treinamento profissionalizante, capaz de formar os sujeitos para desempenhar apenas um ofício na sociedade. Os educadores socialistas defendiam a educação politécnica, que proporcionava às crianças, “[...] na prática, o conhecimento dos métodos de todas as mais importantes formas de trabalho, em parte na oficina escolar ou na fazenda escolar, em parte nas fábricas, usinas e semelhantes” (LUNATCHARSKY, 2017b, p. 290). Podemos considerar que o trabalho seria o eixo articulador da escola, por meio do qual as crianças se familiarizavam com o meio ambiente natural e social. De acordo com Freitas (2017, p. 09), “para os pedagogos deste período, a escola deveria estar envolvida na criação da nova vida social, cujas possibilidades estavam sendo abertas pela revolução; portanto, deveria se envolver profundamente na formação de um novo ser humano imerso na vida social”.

Na Escola Única do Trabalho, a aprendizagem ativa e a autonomia dos estudantes eram elementos fundamentais. As crianças conduziam projetos e pesquisas individuais e em grupo, porém, é importante destacar que todas essas atividades eram realizadas com a mediação e a supervisão dos professores e dos colegas mais velhos. Todos os trabalhos feitos pelos alunos tinham conteúdo relevante e objetivo, e as ações dos professores continham intencionalidade pedagógica, já que a escola do trabalho precisava ser ativa e criativa, mas não espontaneísta e superficial.

Nos períodos de trabalhos livres, os estudantes faziam suas pesquisas, composições, modelos, desenhos, pinturas, coleções. Conforme a escolarização avançava, as disciplinas ocupavam espaço ao lado da enciclopédia, sendo que as disciplinas representavam o estudo sistemático ministrado por professores especializados. No primeiro nível, a enciclopédia infantil era formada por jogos, passeios, palestras, teatros, excursões, aulas teóricas, práticas e em laboratórios, atividades de desenho, pintura e colagem, realizadas de maneira individual e coletiva. No segundo nível, a apropriação sistematizada do conhecimento se torna a principal atividade, mas sem deixar de lado a enciclopédia infantil (LUNATCHARSKY, 2017b).

Para Lunatcharsky, nos níveis mais altos de ensino, priorizava-se o estudo da cultura humana em ligação com a natureza. A metodologia era pensada e efetivada por meio da apropriação pelo trabalho, ou seja, os conteúdos eram estudados não somente a partir da teoria, mas também combinados com o trabalho. Como já dito anteriormente, o trabalho era muito valorizado e sua prática levada a sério. Na Declaração, fica evidente que o trabalho é a base do ensino na nova escola, “[...] devendo ser trabalho verdadeiramente produtivo, com participação verdadeira do estudante na vida econômica do país” (LUNATCHARSKY, 2017b, p. 294). Contudo, o autor indica que o trabalho não poderia representar riscos à saúde das crianças e dos jovens. O trabalho desenvolvido nas escolas deveria ser de natureza politécnica, possibilitando a aprendizagem dos fundamentos científicos de vários ramos da produção, assim como a base das ciências sociais e naturais.

Além da categoria pedagógica trabalho, o plano de estudos contemplava disciplinas estéticas (modelagem, desenho e pintura, composição, canto e música), capazes de desenvolver a criatividade, a fantasia, a memória, a atenção, a

habilidade. A música, por sua vez, estava conectada ao aprimoramento do ouvido, apreciação dos sons. Nesse sentido, Lunatcharsky (2017b, p. 296) destacava a importância da educação estética como responsável pelo desenvolvimento dos órgãos dos sentidos e habilidades criativas, pois “[...] a educação científica e do trabalho sem este elemento estaria sem alma, porque a alegria da vida em apreciar e criar é o objetivo final tanto do trabalho, como da ciência”. Da mesma forma, o autor pontua que o princípio do trabalho estimula o desenvolvimento físico das crianças. Essa função, contudo, é mais trabalhada com o exercício da ginástica, das modalidades esportivas e dos jogos, desenvolvendo a força, a agilidade, e a habilidade, no sentido das ações sociais. Outra questão importante para os pedagogos soviéticos era a alimentação saudável e o bem-estar dos estudantes, que contavam com acompanhamento médico.

A organização da rotina das crianças era pensada de modo que a duração das aulas ou dos trabalhos programados se estendesse em torno de quatro horas diárias no primeiro nível e até seis horas no segundo nível, sendo o restante do tempo destinado a atividades livres e descanso dos alunos no ambiente escolar. Por conta das condições climáticas na URSS, com muita neve e baixas temperaturas, o ano letivo era dividido da seguinte forma: no inverno, eram realizadas atividades usuais; no verão, os trabalhos aconteciam ao ar livre, no estilo agrícola.

O desenvolvimento das habilidades pessoais contribuiria para a construção coletiva, uma vez que a individualidade dos estudantes deve ser respeitada, porém, a coletividade e a luta pelo bem comum precisavam estar acima das aspirações individuais. Outros objetivos da nova escola eram o de diminuir a quantidade de alunos atrasados e ser comum para todos, sem distinção de gênero.

A Declaração sobre os Princípios da Escola Única do Trabalho ainda registra outra categoria importante, a da auto-organização, sem a qual não seria possível o desenvolvimento da autonomia, da coletividade e do senso de responsabilidade, por exemplo. Segundo Lunatcharsky (2017b, p. 303-304), a auto-organização dos estudantes é dividida em três aspectos:

Primeiro, a participação dos estudantes nos conselhos administrativos das escolas, de acordo com as regras indicadas na Deliberação sobre a Escola Única. Segundo, esta auto-organização é de grupos puramente de estudantes. [...] A classe ou qualquer outro grupo de estudantes deve auto-organizar toda a massa. Para isso, organiza-se o maior número possível de postos de trabalho. [...]



Esses cargos não devem ser de longa duração. As crianças devem responder por eles de um dia até duas semanas. A mudança deve acontecer pela ordem ou por sorteio. [...] Terceiro, aos estudantes deve ser dada completa liberdade na questão da organização de qualquer tipo da sociedade temporária ou contínua. Deixe-os organizar círculos científicos, redação de jornais, clubes políticos, sociedades para organizar exposições, para esporte para organização de bailes, espetáculos, corais, orquestras etc.

A Declaração tinha função de estabelecer um tipo comum de escola, enfatizando que a realização dos planos elaborados depende dos recursos financeiros vindos do Estado e do nível de preparação dos professores. Para colocar os professores em contato com os princípios e o método de ensino da escola do trabalho, foram organizados cursos de formação para esses profissionais, estimando-se um período de quatro anos até que todos os educadores pudessem cursá-los. Foi a partir desses princípios e fundamentos que o Estado soviético incentivou a criação de escolas do trabalho demonstrativas, também conhecidas como Escolas-Comunas, que serviam como experiência para o desenvolvimento de organização e gestão da nova escola.

Moisey M. Pistrak foi um dos educadores que contribuiu no processo de construção e de materialização dos princípios da Escola Única do Trabalho, nas experiências que coordenou no âmbito das Escolas-Comunas. A partir da próxima seção, explicitamos a experiência coordenada e desenvolvida por Moisey M. Pistrak na Escola-Comuna Lepeshinsky.<sup>4</sup> Ao fazermos isso, assinalamos a importância das categorias pedagógicas, destacando como essas retomam a concepção revolucionária de educação e de formação humana presentes nos escritos marxianos e como reforçam a relação entre trabalho e educação como elemento fundamental que liga a prática educativa à vida, e que, portanto, devem ser constituintes da nova forma escolar.

---

<sup>4</sup> As Escolas-Comunas se configuravam como “[...] um local de agregação de grandes e experientes educadores que se dedicavam a criar as novas formas e conteúdos escolares sob o socialismo nascente com a finalidade de transferir conhecimentos para as escolas regulares, de massa”. (FREITAS, 2009, p. 13-14). De acordo com a Enciclopédia Pedagógica Russa citada por Freitas (2009, p. 14), “Lepeshinsky fundamentou o modelo de Escola-Comunas como instituição de ensino de novo tipo, isto é, comunidade constituída por princípios de autodireção, autosserviço e organização de uma ‘forma inteligente de trabalho’”.

## Proposta e experiência educacional de Moisey M. Pistrak

Moisey Mikhailovich Pistrak, educador e militante nascido em 1888, foi um dos educadores responsáveis pela elaboração e organização da Pedagogia Socialista Soviética. Pistrak, atuou ativamente durante as duas primeiras décadas da Revolução Russa (1917-1931), na construção da Escola Única do Trabalho e no desenvolvimento da pedagogia marxista. Era doutor em Ciências Pedagógicas, professor e membro do Partido Comunista. Entre 1918 e 1931, trabalhou no Narkompros, e, no mesmo período, conduziu por cinco anos a Escola-Comuna do Narkompros, chamada Lepeshinsky. De 1931 a 1936, trabalhou no Instituto de Pedagogia do Norte do Cáucaso, sendo, em 1936, diretor do Instituto Central de Pesquisa Científica de Pedagogia, junto ao Instituto Superior Comunista de Educação (FREITAS, 2018).

Sob a direção de Pistrak, a Escola-Comuna Lepeshinsky foi a que mais se destacou, apresentando os primeiros resultados da nova organização escolar socialista. Ainda que pequeno, o progresso era visível. Com criatividade e muito esforço, o pedagogo russo tratava principalmente dos problemas educacionais, dos métodos de ensino e do papel do trabalho como o cerne da nova escola soviética, pois a escola em construção também fazia parte do projeto de transformação social. Portanto, suas reflexões foram embasadas em sua prática de professor e militante socialista que desejava construir uma proposta pedagógica direcionada aos interesses da sociedade comunista.

Em 1924, escreveu “Os problemas fundamentais da Escola do Trabalho”, em que apresentou elementos essenciais para a compreensão da proposta educacional socialista. Segundo Pistrak (2018), para o desenvolvimento de uma educação baseada nos fundamentos do socialismo, torna-se necessária a compreensão de três elementos centrais: a) sem teoria pedagógica revolucionária não pode haver prática pedagógica revolucionária; b) a teoria marxista é a teoria da transformação; c) a teoria pedagógica comunista só se tornará ativa e eficaz quando o próprio professor assumir o papel de um militante social ativo no seio da nova escola.

Para ele, a teoria pedagógica revolucionária é a teoria marxista, a qual o autor denomina, ao longo de sua obra, de *a teoria da transformação*. Em Pistrak, é imprescindível a instrumentalização dos alunos com o ensino do conhecimento

científico e da filosofia marxista, pois somente assim a classe trabalhadora poderia almejar a transformação social.

Os fundamentos teóricos da proposta educativa de Moisey Pistrak estavam conectados às teses pedagógicas de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), sendo essas suas principais influências. Com base na teoria desses autores, Pistrak foi um dos responsáveis pela criação e realização das primeiras experiências educativas de caráter socialista. O educador russo buscou nos escritos de Marx e Engels sobre trabalho e educação os fundamentos para a construção das experiências educativas no contexto pós-revolucionário na Rússia.

Como vimos anteriormente, a grande questão debatida pelos pedagogos socialistas soviéticos era sobre como deveria ser organizada a escola do trabalho soviética após a concretização da revolução. Assim como a nova sociedade socialista nasceu das ruínas do regime capitalista russo, a nova escola também surgiria por meio do anseio pela superação da forma escolar burguesa. Para ir além, os educadores soviéticos defendiam um novo conteúdo, uma nova forma de organização pedagógica, com novas finalidades educativas.

No contexto das Escolas-Comunas, temas importantes como o trabalho e a auto-organização foram experienciados sob o ponto de vista revolucionário da classe operária. Além disso, Pistrak (2018) afirma que a escola precisa ter finalidades socio pedagógicas, elencando categorias pedagógicas que formavam a base da escola do trabalho: a estreita ligação com a *atualidade* daquele período histórico, ou seja, a própria revolução; o *trabalho como princípio educativo*; e a *auto-organização* dos estudantes. Em síntese, a atualidade significava a luta contra o imperialismo capitalista, na busca pela solidificação da revolução, que era a construção de uma sociedade sem classes sociais. Com isso, ao mesmo tempo em que estuda a atualidade, a escola também tem o poder de transformá-la. Dessa forma, o autor explica:

Atualidade é tudo aquilo que na vida social de nosso tempo tem requisitos para crescer e se desenvolver, que se reúne em torno da revolução social vitoriosa e servirá para a construção da nova vida. Mas a atualidade também é aquela fortaleza capitalista contra a qual a revolução mundial conduz o cerco. Em resumo, a atualidade é o imperialismo em sua última fase e o poder soviético como ruptura no *front* do imperialismo, como brecha na fortaleza do capitalismo mundial [...] A atualidade deve ser compreendida como luta que se trava na brecha que foi aberta; toda esta luta será ampliada,

exacerbada e crescerá enquanto a vitória não vem pela revolução. (PISTRAK, 2018, p. 42).

Para educar pela atualidade, a escola precisava estar devidamente organizada, necessitando realizar um trabalho formativo com conteúdos diferentes daqueles lecionados na escola burguesa. A atualidade, antes ofuscada pelos velhos métodos da escola classista, naquele momento assumia a questão fundamental a ser entendida. Para isso, todo o trabalho pedagógico deveria estar focado no estudo da atualidade, compreendendo os fenômenos sociais a partir do ponto de vista marxista, de forma a romper com os antigos valores da velha escola.

A revisão dos conteúdos escolares para a escola do trabalho foi definida pela atualidade daquele período, que era a revolução socialista. A construção da pedagogia soviética aconteceu ao mesmo tempo em que os educadores socialistas se esforçavam para se distanciar das práticas do antigo programa, o que implicava um novo método de estudo, como destaca Pistrak (2018, p. 45):

O objetivo da escola não é apenas *conhecer* a atualidade, mas *dominá-la*. E aqui os métodos antigos de ensino são inúteis. É preciso tomar os fenômenos em suas relações mútuas, nas interações e dinâmica; é preciso demonstrar que os fenômenos da atualidade são parte essencial de um mesmo processo histórico geral de desenvolvimento; é preciso esclarecer a essência dialética do meio que nos cercam.

O autor se refere ao materialismo histórico-dialético como o método de análise que possibilita conhecer a essência dialética do processo histórico geral do desenvolvimento do mundo humano, algo que é possível por meio do estudo dos fenômenos e das suas relações que formam a totalidade social. Esse é um dos elementos que torna a pedagogia socialista essencialmente marxista, pois os pedagogos soviéticos utilizavam-se desse método para promover o ensino. Assim, entendemos que a finalidade da Pedagogia Socialista Soviética era a mesma da revolução social: a transformação da sociedade. Nesse contexto, para o educador socialista, a escola deve se assumir como parte integrante da atualidade, demonstrando para as crianças e os jovens que eles também fazem parte dessa luta. Isso significa que todos devem ter uma militância ativa, e, nessa batalha, a arma mais importante é o conhecimento. Desse modo, “cada estudante deve tornar-se um lutador e um construtor. A escola deve esclarecer a ele para quê,

contra quem e por quais formas ele deve lutar, o que e como ele deve construir e criar” (PISTRAK, 2018, p. 47).

Para desenvolver a auto-organização, as crianças precisavam passar por uma série de experiências organizativas nos mais variados órgãos. Cada estudante deveria saber dirigir as tarefas coletivas com a criatividade exigida para cada momento, mas também precisava aprender a se subordinar aos seus colegas. De acordo com Pistrak, tudo isso tem de ser encarado com discernimento e responsabilidade por cada criança e cada jovem. Nesse sentido, a auto-organização dos estudantes é um instrumento de formação e um meio para alcançar os objetivos da escola. Para entender melhor sobre o significado da auto-organização, Pistrak (2018) explica dois pontos importantes: o primeiro é que a constituição dos coletivos infantis é a base para a existência da auto-organização, pois esses órgãos desenvolvem a noção de coletividade, ao mesmo tempo em que unem as crianças em prol de um interesse coletivo; o segundo ponto elencado pelo pedagogo se refere às diversas formas de auto-organização dos estudantes, englobando todos os momentos em que as crianças se organizam coletivamente para tratar de assuntos, por exemplo, passeios, apresentações, recepções, pesquisas, trabalhos pedagógicos, entre outros temas que fazem parte da vida em grupo. Tudo isso contribui de maneira significativa no desenvolvimento infantil, além de acrescentar ao trabalho educativo.

Nas obras desse autor, podemos perceber a ênfase à conexão entre a escola e a vida, o que reafirma ainda mais a Pedagogia Socialista Soviética como uma pedagogia social. Se a atualidade é definida por Pistrak como o estudo da realidade atual vivida e as pessoas como protagonistas dessa história, então podemos entender a atualidade como o estudo da luta de classes travada historicamente entre a burguesia e o proletariado. Logo, o trabalho se torna o elemento central, pois a luta é justamente pela construção de uma nova sociedade, sem a existência de classes sociais e com formas sociais de trabalho mais justas. Dessa maneira, o trabalho também ocupa papel fundamental na escola, adentrando “[...] como um elemento social e socioeducativo, unificando ao redor de si todo o processo formativo-educativo” (PISTRAK, 2018, p. 56).

Na proposta educativa e escolar de Pistrak (2018), o trabalho era compreendido como elemento constituinte do ser humano, princípio educativo, e

condição necessária à emancipação humana e à formação omnilateral. Dessa forma, as Escolas-Comunas por ele coordenadas tinham como princípios-chave o trabalho, a auto-organização e a atualidade, sendo praticados desde o início do processo de escolarização.

O trabalho começou a ser introduzido nas escolas por meio de níveis crescentes de complexidade, que variavam de acordo com a idade e a disposição física das crianças: primeiro, o autosserviço formava hábitos de organização e de higiene; segundo, o trabalho nas oficinas com diferentes tipos de materiais; e terceiro, o trabalho fabril, que era visto como aquele que mais adentrava na atualidade e por isso estava no núcleo do processo educativo. Nesse sentido, todo o trabalho desenvolvido era de cunho socialmente útil, mas, para que isso ocorresse, a escola precisava estar ligada à atualidade e os estudantes devidamente auto-organizados.

O trabalho sob forma de autosserviço foi uma necessidade que nasceu em razão da condição miserável de existência das comunas, algo que passou a fazer parte do sistema educativo e formativo dos estudantes e professores. Nas palavras do autor:

[...] de um lado, é *necessidade*, causada pelas condições materiais de existência. [...]. Por outro lado, independentemente das condições materiais, nós transferimos para as mãos das crianças este ou aquele trabalho, particularmente aquele que ou tem caráter de autosserviço pessoal (arrumação da cama, remendos, costura parcial etc.), ou que dá espaço para iniciativa e criatividade (mutirão de fim de semana, trabalhos de massa), ou que são úteis pelas condições de trabalho, para a saúde das crianças (participação moderada nos trabalhos rurais no verão). [...] o trabalho em autosserviço reduz-se ao seguinte: *limpeza do prédio*, trabalho na *cozinha*, na *cantina*, organização da *sauna* e cuidados com a *lavanderia*, *calefação do prédio*, organização da *sala hospitalar e ambulatório*, entre outros tipos de trabalho (PISTRAK, 2009, p. 219-223).

O princípio de autosserviço - organização e comprometimento na execução das tarefas de cada membro - envolve toda a comunidade escolar, pois se um integrante não fizer seu trabalho bem-feito, compromete toda a organização da comuna, atrasando o andamento das tarefas e dos trabalhos diários. Para realização do serviço, eles eram divididos em grupos de 3 a 5 crianças, contando com um monitor em cada grupo responsável por acompanhar o trabalho realizado. As tarefas englobavam desde serviços domésticos a trabalhos no campo.

Para Pistrak, o autosserviço se remete ao trabalho mais simples, de menor complexidade laboral. Em contrapartida, ao mesmo tempo em que ele apoiava a prática do autosserviço, também defendia a necessidade de realização de trabalhos mais complexos nas Escolas-Comunas. Dessa forma, o autosserviço servia como um ponto de partida ou como uma base para os trabalhos que poderiam ser desenvolvidos para além de tarefas simples, pois o autosserviço precisava ir ganhando complexidade. A questão estava em formar, começando pelos trabalhos mais simples, por meio das mais variadas práticas de trabalho socialmente útil, de maneira que interligassem os conteúdos escolares com a realidade social.

Pistrak (2018, p. 72) alertava também, para o fato de que o autosserviço poderia dar uma noção desagradável do trabalho para os educandos, ou seja, segundo o educador, uma das limitações do autosserviço era quando este transformava o trabalho em um “[...] fardo pesado, às vezes pequenos trabalhos forçados, desenvolvendo aversão para com ele, o desejo de livrar-se mais depressa da obrigação desagradável, isto é, atinge-se em verdade um resultado contrário”. Por outro lado, também destacava a potencialidade do autosserviço, ao afirmar que este desenvolvia uma série de hábitos culturais importantes para o “novo modo de vida” presente no socialismo nascente. Assim, de acordo com Pistrak (2018, p. 72) “[...] é preciso examinar o autosserviço com este ponto de vista de luta por uma etapa superior ou, mais exatamente, com uma base para o desenvolvimento desta etapa superior de modo de vida cultural”.

A autodireção era necessária principalmente para desenvolver a autonomia nos estudantes. Era também uma forma de organizar a vida dos alunos, e, posteriormente, apoiá-los nas suas decisões e direções a serem tomadas fora do ambiente escolar. Por meio do Comitê Executivo (depois transformado em Comitê Organizacional), órgão de autodireção dos estudantes, eles participavam e opinavam nas reuniões que tratavam sobre os diversos assuntos ligados à comunidade escolar.

Todas as crianças se envolviam na direção e organização do trabalho escolar. Era “[...] a ideia básica da autodireção: autonomia razoável e real dos estudantes na esfera da sua vida espiritual, física e social” (PISTRAK, 2009, p. 262) na construção da nova escola para a nova sociedade, mediada pelo trabalho como princípio educativo e diretivo. Portanto, a tarefa da escola é, “[...] de forma *organizada*,

conduzir as crianças no meio ambiente social. [...] É preciso ajudar as crianças a tornarem-se participantes da grande vida social, [...] porque isso é a sua necessidade real atual” (PISTRAK, 2009, p. 271-272).

Já o trabalho nas oficinas funcionou com sucesso até 1921, quando a escola, aos poucos, foi deixando-as de lado. Em contrapartida, Pistrak afirma que as oficinas desempenham um papel importante na escola, por isso defendia a união delas com a grande indústria. O autor argumenta que “[...] a oficina deve ser o ponto de partida de uma série de fios que conduzem à produção. E estes fios definem o interesse ativo das crianças.” (PISTRAK, 2018, p. 83). O trabalho nas oficinas também contemplava os ofícios artesanais da cidade e do campo, que tinham grande relevância na economia soviética, pois seguiam uma série de exigências: elaboração de materiais diversos sobre as tecnologias e os ofícios mais necessários; as ferramentas e os métodos de trabalho devem ser os mais variados possíveis; e a possibilidade de ampla apropriação e criação técnica pelas crianças (PISTRAK, 2018). Nas oficinas as crianças trabalhavam com muitos tipos de materiais, entre eles a madeira, o metal, tecidos, papelão, assim, “[...] o significado fundamental das oficinas reside em ser o ponto de partida para a introdução na compreensão da moderna organização e técnica do trabalho.” (PISTRAK, 2018, p. 88).

O trabalho fabril estava no centro do processo educativo, pois abordava o estudo da fábrica na sua complexidade. Para Bahniuk e Dalmagro (2021, p. 119),

A Escola do trabalho envolvia o estudo da fábrica em toda sua amplitude e complexidade, desde a origem da matéria prima até o destino dos produtos, os aspectos geográficos, históricos, econômicos e culturais deste processo, o trabalho em toda sua cadeia, o lugar do produto na economia local e nacional. Desta forma, a escola não se restringe ao estudo da fábrica em si mesma ou de suas técnicas de trabalho, ainda que estas sejam importantes, mas inclui o trabalho e o estudo do trabalho dos jovens, numa visão de totalidade.

É importante deixar claro que a escola do trabalho não foi um projeto pensado e executado de forma assertiva, em todos os aspectos. Os educadores soviéticos tiveram que lidar com muitos problemas, de caráter teórico e prático. Os desafios eram grandes: havia professores que resistiam às mudanças, por estarem alinhados aos antigos métodos de ensino; as condições estruturais eram precárias; e os recursos financeiros bem limitados. Visto que a URSS vivia um contexto de pós-guerra, a realidade era difícil, havendo muitos órfãos e as escolas também



acabavam servindo de abrigo para as crianças, e não somente como centro cultural e de ensino da ciência.

As práticas educativas do educador russo estavam entrelaçadas à organização e à construção do socialismo. Pistrak realizou análises sobre a prática dos professores naquele contexto de mudanças e concluiu que não era somente o povo que precisava de uma nova educação, mas também os professores, de modo que pudessem desenvolver um trabalho articulado com a revolução. Os professores, compreendendo sua função política na edificação da nova sociedade, deveriam tornar-se sujeitos ativos e conscientes na criação do socialismo. Pistrak (2018) discute sobre problemas teóricos e práticos enfrentados pelos professores no cotidiano escolar, relacionados à metodologia, à didática, à organização e à escolha dos materiais. De acordo com o autor, essas questões eram fruto da velha forma escolar burguesa, que precisava ser superada pela nova escola do trabalho.

O educador dizia que, na busca da solução dos problemas teóricos e práticos, os professores devem ter consciência de que “[...] a pedagogia marxista pode e deve ser, antes de tudo, uma teoria socio pedagógica ligada às questões de desenvolvimento das relações sociais atuais, iluminadas pelo marxismo” (PISTRAK, 2018, p. 30). Nesse sentido, ele afirmava a influência política nas questões escolares, partindo dos discursos de Lenin:

Nossa tarefa no campo escolar é a luta pela derrubada da burguesia, e declaramos abertamente que a escola fora da vida, fora da política, é uma mentira e uma hipocrisia. [...] Chamar a educação de apolítica ou neutra não passa de uma hipocrisia da burguesia, isto não é outra coisa senão enganar as massas. [...] Em todos os estados burgueses constitui-se uma ligação extremamente forte do aparato político com a educação, embora a sociedade burguesa não possa reconhecê-lo abertamente. Entretanto, esta sociedade prepara as massas através da Igreja e por meio de toda organização da propriedade privada. Não podemos deixar de colocar francamente a questão, reconhecendo abertamente, apesar das antigas mentiras, que a educação não pode ser independente da política (LENIN apud PISTRAK, 2018, p. 30-31).

Nessa citação, evidenciamos a relevância da vinculação da escola à política em geral, visto que as instituições escolares promoviam formação política sólida para a juventude comunista. Essas formações também aconteciam com as massas, pois os revolucionários realizavam o trabalho de esclarecimento sobre a luta e a consciência de classe, aproximando-se cada vez mais do povo, em busca do

desenvolvimento dos princípios socialistas. Para Pistrak, a escola está conectada ao sistema social que rege a sociedade. Desse modo, no capitalismo, a educação se torna um instrumento ideológico e de dominação sob o controle da burguesia, o que fez com que uma das tarefas da revolução fosse revelar o caráter de classe da escola, rompendo com os laços classistas da escola burguesa, a fim de colocar a educação a serviço da revolução. Essa tarefa não era algo simples e fácil, haja vista que os educadores enfrentavam inúmeras dificuldades. A organização, os objetivos e os métodos precisavam ser novos, de acordo com as finalidades daquela escola do trabalho que estava em construção. Com a revolução, uma das funções assumidas por essa instituição foi de esclarecer os interesses de classe. Para tanto, era preciso que as pessoas entendessem, primeiramente, qual a natureza da luta da qual faziam parte, posteriormente, qual o lugar que a classe trabalhadora ocupava nessa luta e, por fim, qual o lugar que cada jovem deveria assumir nessa batalha, lutando a favor da construção da nova sociedade.

Para além dessas questões, era fundamental que considerassem as condições e o contexto em que a escola estava inserida, pois determinada prática pode funcionar bem em uma instituição, mas não em outra. Portanto, Pistrak afirmava que é necessário desenvolver ao máximo a criatividade individual e coletiva dos educadores, formando uma nova escola. Ele indica o compartilhamento das experiências nas escolas experimentais-demonstrativas para servir como referência para o magistério, bem como as críticas a elas dirigidas, vistas como oportunidade de aprendizagem.

Na ótica desse pensador, a teoria pedagógica comunista poderia tornar-se ativa na massa do magistério apenas quando cada professor fosse em alguma medida um ativista social. Isso envolveria que os docentes dominassem o método marxista e, conseqüentemente, as ideias comunistas da educação. Assim, todos os educadores, em todos os níveis de ensino deveriam tornar-se ativistas sociais (PISTRAK, 2018).

De acordo com Pistrak (2018), a escola do trabalho necessitaria refletir a realidade da revolução, respondendo aos anseios da classe trabalhadora. Compreendemos, desse modo, que o ensino escolar não é neutro, mas corresponde aos objetivos do regime social no qual está inserido, como afirma o autor:

Uma das tarefas básicas da revolução social consiste em esclarecer este caráter de classe da escola inserida em uma sociedade de classes e revelar esta natureza com a ditadura do proletariado. [...] a tarefa de educar as massas e assegurar o êxito da consolidação das conquistas e realizações revolucionárias. A revolução deve fazer isto também em relação à escola, porque a escola é uma superestrutura ideológica e um instrumento ideológico da revolução. (PISTRAK, 2018, p. 40).

Logo, a proposta educativa de Pistrak, a qual faz parte do legado educacional da Pedagogia Socialista Soviética, foi pautada na concepção marxista de educação e no método materialista histórico-dialético. Percebemos essas relações ao estudar as práticas pedagógicas do autor, as quais abordam a relação entre trabalho, educação e ensino; a formação omnilateral e politécnica; e a necessidade de compreender a realidade, a luta de classes e atuar sobre ela (BAHNIUK; DALMAGRO, 2021).

A questão central da pedagogia socialista, como consideramos, é o trabalho na escola. Além de ser o fundamento da educação, ele precisa estar conectado ao trabalho socialmente útil e à produção social. Junto ao trabalho, a atualidade e a auto-organização constituem-se elementos importantes que fundam a Pedagogia Socialista Soviética, como observamos tanto nas obras de Pistrak quanto nos documentos históricos apresentados.

### **Considerações finais**

Expericiamos um momento de diferentes ofensivas direcionadas à educação, por isso, é urgente construirmos respostas, resistências e enfrentamentos contra a Pedagogia do Capital. Acreditamos que, apesar da Pedagogia Socialista Soviética ter sido uma experiência ensaiada há um pouco mais de 100 anos, ela tem enorme validade e potencialidade atualmente, considerando que ainda vivemos sob a égide do modo capitalista de produção.

A Pedagogia Socialista Soviética nos aponta caminhos importantes a serem seguidos, pois sua finalidade centra-se na emancipação humana, por meio da união entre trabalho e educação. Nesse sentido, avaliamos que estudar o pensamento pedagógico socialista soviético constitui-se como um caminho para lutarmos contra as pedagogias hegemônicas do capital. Por exemplo, aprendemos com Pistrak a importância de reconhecer a escola como fundamental na formação dos

trabalhadores, homens e mulheres, jovens e crianças, a fim de transformar a realidade atual e construir uma nova sociedade. Assim, a escola orientada por uma pedagogia revolucionária tornar-se-ia o espaço da ciência, da tecnologia e da cultura, responsável pela educação das futuras gerações.

Outro ensinamento é compreender a escola como espaço de disputa, o que envolve desde os conteúdos até a organização do trabalho pedagógico, para, desse modo, colocá-la a favor dos interesses da classe trabalhadora. Nessa perspectiva, concordamos com a afirmação de Bahniuk e Dalmagro (2021, p. 255):

[...] a Pedagogia Socialista é um projeto futuro, mas que se constrói desde já, recuperando em certo sentido experiências passadas, não para copiá-las, mas sim para refletir sobre elas e construir algo novo, condizente com o tempo histórico atual.

Por fim, afirmamos que há legados importantes deixados pela Pedagogia Socialista Soviética, como um rico arcabouço teórico e prático de experiências educativas, nas quais podemos apoiar nossas práticas educativas, com o intuito de repensarmos a relação entre trabalho, educação e ensino na atualidade, com vistas à formação humana integral de homens e mulheres.

## Referências

BAHNIUK, C. Os desafios da construção da Pedagogia Socialista em tempos de ofensiva do capital e crise sanitária. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 22, nº 49, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/20681>. Acesso em 6 de julho de 2022.

BAHNIUK, C.; DALMAGRO, S. L. P. Shulgin e a pedagogia soviética nos anos de 1920. In: **Educação e Revolução: a Pedagogia Socialista Soviética**. MORAES, Leandro E. P. POMAR, Valter. (orgs). São Paulo: ELAHP: Escola Latino-americana de História e Política, 2021.

CVERDLOV, Y. M. et al. Deliberação do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia (1918). In: KRUPSKAYA, Nadezhda K. **A Construção da Pedagogia Socialista**. 1ª ed. São Paulo, Expressão Popular, 2017.

FREITAS, L. C. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: PISTRAK, Moisey M. **A Escola-Comuna**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FREITAS, L. C. Escola Única do Trabalho. In: CALDART, Roseli S. FRIGOTTO,

Gaudêncio (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro. São Paulo: EPSJV. Expressão Popular, 2012.

FREITAS, Luiz C. Prefácio. In: KRUPSKAYA, Nadezhda N. **A Construção da Pedagogia Socialista**. 1 ed. São Paulo, Expressão Popular, 2017.

FREITAS, L. C. **Pedagogia Socialista**: importância e atualidade. Entrevista cedida ao centro de estudos Karl Marx, Região Agreste. YouTube, 19 de jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cuFPwwqZ3hY&t=2327s>. Acesso em 13 de outubro de 2021.

FREITAS, L. C; CALDART, Roseli S. Apresentação. In: PISTRAC, Moisey M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KRUPSKAYA, N. K. **A construção da Pedagogia Socialista**. 1ª edição, São Paulo, Expressão Popular, 2017.

LUNATCHARSKY, Anatoli V. Proclamação do Comissário do Povo para a Educação (1917). In: KRUPSKAYA, Nadezhda K. **A Construção da Pedagogia Socialista**. 1ª edição, São Paulo, Expressão Popular, 2017a.

LUNATCHARSKY, A. V. Declaração sobre os Princípios Fundamentais da Escola Única do Trabalho (1918). In: KRUPSKAYA, Nadezhda K. **A Construção da Pedagogia Socialista**. 1ª edição, São Paulo, Expressão Popular, 2017b.

PISTRAC, M. M. **A Escola-Comuna**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PISTRAC, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.